

OS *SENTENTIARUM LIBRI V* DE TAIIO DE ZARAGOZA COMO EXEMPLO DA *CONTINUATIO LITTERARUM* NA HISPANIA VISIGODA (SÉCULO VII)

EVERTON GREIN

Universidad Federal do Paraná

A CULTURA VISIGODA NOS SÉCULOS VI E VII

*Fortes perseverantesque doctores velut impu-
tribilia ligna quaerendi sunt, qui instructioni
sacrorum voluminum...*

(Taio. *Sent.*, II, 32, 822)

O século VII vivenciou o florescimento de um movimento cultural que teve, por certo, sua origem ainda em meados do século anterior. As preocupações da Igreja hispano-visigoda em dotar seu clero de uma sólida e profunda formação cultural, desde o século VI, nos parece desse modo, ser a justificativa mais plausível numa tentativa de explicar o grande influxo literário da chamada “era isidoriana” do período subsequente. Dentre os destacados prelados visigóticos inseridos naquilo que podemos nominar de “horizonte cultural” hispano-godo do século VI, encabeçado pela Igreja, os nomes de Justiniano de Valência (Isid., *De Uir.*, III, 20, “*Iustinianus ecclesiae Valentinae episcopus*”, 145), Justo de Urgel (Isid., *De Uir.*, III, 21, “*Iustus Orgellitanae ecclesiae episcopus*”, 145), juntamente com Martinho de Braga, Apríngio de Beja e Leandro de Sevilha, representam um papel de profundo destaque dentro do universo lite-

rário da época. Todos os citados prelados visigodos desempenharam, de fato, uma função muito importante no que diz respeito às transformações de cunho social, político e religioso que se seguiria no período posterior. Todavia, é necessário assinalar de modo particular, dentre os citados representantes eclesiásticos, o nome de Leandro de Sevilha, que emerge como o grande responsável pelo ressurgimento cultural hispano-godo na segunda metade do século VI, sendo apontado pelos estudiosos como o suporte de uma nova situação política e religiosa da monarquia católica. (Díaz y Díaz, *De Isidoro al siglo XI*, 24-25)

Evidentemente, esses poucos nomes não caracterizam, *de facto*, o movimento *in toto*, mas oferecem belas mostras na perspectiva de uma reflexão primária a partir de sua intensa atividade literária na época. Esses movimentos eclipsaram todo um quadro posterior ensejado pela Igreja, especialmente no que tange à necessidade de uma formação clerical, de modo a permitir um trabalho pastoral eficaz no combate ao paganismo¹ bastante vívido na época.² De imediato,

¹ Para citarmos um exemplo dentre os vários possíveis no século VI, veja-se Martini Episcopi Bracarenis (*De correctione*, 144-153).

² Cabe ainda recordarmos aqui que o paganismo foi um proble-

é possível compreendermos tal tendência renovadora por parte da Igreja, dentro do quadro de tensões em que se encontravam, particularmente, a partir de meados do século v, godos arianos e católicos de origem hispano-romana. E é justamente nesse meio que merece todo destaque e atenção por parte da historiografia a atuação decisiva de Leandro de Sevilha, fundamentalmente no III Concílio de Toledo de 589 que marcou a conversão visigoda ao credo nicenista.

Com efeito, essas ações por parte da Igreja em impingir seus clérigos a uma formação cultural mais densa ainda não foi suficiente para que os aspirantes ao sacerdócio se iniciassem de maneira definitiva no caminho das letras. As fontes da época, embora bastante escassas e de difícil interpretação, nos testemunham que muitas pessoas da Igreja ignoravam em absoluto as letras.³ Apesar de todas as transformações ocorridas após a conversão ao catolicismo, uma carta de Liciniano de Cartagena escrita ao papa Gregório Magno por volta de 595, manifesta seu empenho numa verdadeira cruzada para elevar o nível cultural do clero católico e mitigar a ignorância de muitos de seus pares. (*Lic. Carth. Epis. 1*, a.595; vid. Madoz, *Liciniano de Cartagena*, 87)

Já no século vii, uma das soluções encontradas ao impasse da própria formação do clero católico foi a criação de escolas episcopais, pelas quais deveriam passar todos os futuros presbíteros, dedicando-se profundamente às atividades voltadas a uma dupla missão, no que tange ao aspecto moral e cultural ao

ma bastante presente ainda no século vii. Conforme asseverou Frighetto (134-135) “[...] este paganismo ainda praticado na época hispano-visigoda estava profundamente vinculado com os cultos indígenas ancestrais, anteriores mesmo a dominação romana nos territórios ibéricos [...]”. Ademais, dentre os trabalhos amplamente dedicados a permanência do paganismo na sociedade hispano-visigoda, vid. McKenna (*Paganism*); Hillgarth (“Popular religion”), e também Díaz Martínez (*Formas económicas*).

³ *V.S.P.E.* 1, 1: “puerulus quidam non gradi adhuc etate ut plenus dicam, effebus, nomine Augustus, insons, simplex, et inscius litteris, cum ceteris coeuis ac sodalibus suis puerilis fideliter mente in domo egregie uirginis Eulalie sui seruitii ministerium [...]”.

mesmo tempo.⁴ De fato, tal fora a proporção das exigências da Igreja com relação à formação episcopal que as disposições outorgadas pelo cânone 19 do IV Concílio de Toledo de 633, expressavam declaradamente a visão dos próprios clérigos com relação a esse problema, apartando severamente de quaisquer possibilidades de ascender à glória episcopal àqueles que não sabiam ler (“[...] deinceps qui non promoveantur ad sacerdotium ex regulis canonum [...] qui inscii litterarum sunt [...]”. *Conc. Tol. IV*, a.633, c.19). Para Díaz y Díaz (*De Isidoro*, 26-27), essa medida conciliar apresentava-se dentro de um fundo particularmente político, e tinha como objetivo principal incorporar aos bispos e visigodos com uma autêntica formação cultural latina. Entendemos, portanto, que essa medida conciliar adotada pelo clero visigodo, seja qual for seu objetivo, produziu efeitos duradouros, levado a cabo pelos seus insignes representantes, especialmente por àqueles que respondiam pelas Sés episcopais metropolitanas.

De fato, o papel assumido pelos bispos metropolitanos pode ser facilmente identificado no primeiro terço do século vii, através da figura de Isidoro de Sevilha, um dos mais destacados prelados godos do sul peninsular, que virá a tornar-se o expoente máximo da vida cultural e política do reino de Toledo. Com Santo Isidoro, iniciava-se assim uma nova fase da história cultural hispânica tardo-antiga que os especialistas caracterizam como “era isidoriana”. Assim, tomando por referência as observações de Díaz y Díaz (*De Isidoro*), podemos avançar em algumas conclusões sobre a própria gênese do florescimento cultural da era isidoriana, cujo cerne encontra-se a partir da confluência de três elementos, a saber: a herança cultural latina; em meio às tensões políticas entre godos e francos, o influxo literário de Venâncio Fortunato;⁵

⁴ *Conc. Tol. IV*, a.633, c.25: “Ut sacerdotes scribularum sanctarum et canonum cognitionem habeant” (ed. de J. Vives, *Concilia visigótica*, 202).

⁵ De acordo com Díaz y Díaz (*Anedocta Wisigothica*), Venâncio Fortunato exerceu particular influência em autores godos

e os embates entre cristãos e arianos, cujo resultado prático fora a exigência de um maior cuidado com relação à formação eclesiástica na Hispania. Observe-se que essa combinação no século VI, como já dissemos, acabou por redundar numa espécie de incentivo ao grande influxo literário do período seguinte.

A intolerância da Igreja com relação à ignorância às letras —entendido naquele momento como um impasse a boa formação clerical— foi latente nos concílios posteriores. De imediato, o IV Concílio de Toledo presidido por Isidoro de Sevilha, celebrado em dezembro de 633, enrijecia os conclames anteriores. Numa análise mais detida do conteúdo de alguns dos cânones, verifica-se o posicionamento adotado pela Igreja, como por exemplo, o cânone 26 do citado concílio toledano, velava pelo cuidado dos presbíteros ordenados às Igrejas rurais (*parrochiis*) com o ministério dos sacramentos, estabelecendo que o conhecimento dos sacramentos divinos e a prática da leitura do *manuale* ou *liber manualis* entregue pelo seu bispo, eram requisitos prévios à ordenação sacerdotal.⁶

Tal posicionamento adotado pelos padres do IV Concílio de Toledo foi ainda reforçado pelo papel desempenhado pela liturgia. De acordo com Díaz y Díaz (*De Isidoro*, 16-17), “[...] la redacción de texto eucológicos —originariamente quizá en Tarragona y Sevilla, y luego cada vez con mayor intensidad en Toledo— provocó la necesidad de especialista y un cierto adiestramiento en la capacidad de comprensión de dichos textos [...]”. A preocupação com a formação clerical voltada a constituição de um clero bem instruído e meticulosamente orquestrado pode

ser tomada aqui como parte importante do processo de fruição da cultura latina na Hispania visigoda na época. Assim, a reação pró-cultural de finais do século VI parece dar frutos no século VII, do qual se torna impreterível, para não dizer impraticável, qualquer comentário acerca da cultura literária sem alguns apontamentos, mesmo que breves, do pensamento do bispo Isidoro de Sevilha.

ISIDORO E SEU TEMPO

Isidoro de Sevilha promoveu categoricamente a entrada definitiva da cultura latina no mundo visigodo no século VII. Na perspectiva de Díaz y Díaz (*De Isidoro*) dois elementos motivaram esse fenômeno: primeiramente, a revalorização da cultura antiga, que se convertera assim em uma espécie de “ideal erudito”. Dentro desse primeiro aspecto, a obra prática de Isidoro de Sevilha deve ser avaliada cuidadosamente. O bispo hispalense contribuiu para a vitalidade da Igreja hispânica da Antiguidade Tardia, enfatizando a necessidade de um clero educado e capaz de contornar todos os problemas que atingiam principalmente o campo político, e de modo bastante particular no que tange a relação de cristãos e judeus.

Em seu conjunto, a contribuição isidoriana à formação clerical hispana da época tardia, merece grande atenção, pois é bem sabido dentre os estudiosos que seus escritos orientaram, sobremaneira, a própria estruturação da Igreja, com suas concepções morais fundamentadas num espírito altamente renovador do caráter eclesial. Fontaine (*Isidore de Séville*) propõe que a atuação decisiva do bispo espanhol consistiu na busca imediata para a resolução de problemas concretos, cujo fim se evidenciou na edificação de uma teologia moral adequada às estruturas sociais, políticas e culturais de seu tempo. Ao que nos parece, os escritos de Isidoro de Sevilha se apresentam de modo marcante dentro dessas características. Em segundo lugar, o gosto por uma cultura intelectual,

dos séculos VI e VII, e como mostra dessa particular relação exercida entre os escritores visigodos com a obra de Venâncio, cita o exemplo do *Epitaphion Antoninae* de um autor anônimo do século VII (Díaz y Díaz, *Anedocta Wisigotica*, 43).

⁶ *Conc. Tol. IV*, a.633, c.26: “De officiali libello parrochitanis presbyteris dandum: quando presbyteres in parrochiis ordinantur, libellum officiale a sacerdote suo accipiant, ut ad ecclesias sibi deputatas instructi succedant, ne per ignorantiam etiam in ipsis divinis sacramentis offendant [...]”.

associado ao seu pragmatismo personalista e senso literário clássico, um cuidado com o posicionamento simétrico da retórica, forjando a primazia de sua linguagem gramatical e a eloquência de uma cultura ao mesmo tempo clássica pagã e cristã. Com efeito, os problemas de métodos nos estudos isidorianos já foram, por certo, alvo de muitas discussões levadas a cabo por diversos especialistas. Embora não se constitua num tema novo, qualquer esforço de reflexão que se proponha a analisar a interferência do pensamento isidoriano para a constituição da cultura literária na Hispania visigoda encontrará por certo, caminhos diversos e sempre instigantes no que tange à verificação de algumas possibilidades.

A personalidade de Isidoro de Sevilha oferecida pelas fontes da época denotam um alto tato intelectual com questões de gêneros diversos. Note-se, nas próprias palavras de Bráulio de Zaragoza (590-651) em sua *Renotatio Isidori*, a revelação de que o bispo hispalense é apresentado como “[...] um homem valioso, suficientemente formado em todos os gêneros de estilo como para ser capaz de fazer-se entender pelos ignorantes e pelos cultos, dada a qualidade de sua expressão [...]”.⁷ Isidoro recebeu uma formação ao mesmo tempo clássica e cristão-monástica, fato que, por si, explicam a complexidade e amplitude do seu horizonte cultural. Contudo, seria demasiado longo descrever cada obra e o grau de contribuição ao pensamento eclesiástico hispânico em época visigótica. Deste modo, sublinhamos que a ressonância do pensamento isidoriano merece destaque sob todos os ângulos, desde o aspecto canônico-espiritual até no campo político-social.

A produção literária do bispo de Sevilha foi extensa, versando sobre variados temas. Entrementes, adotamos aqui a mesma separação relativa à cultura de formação de Isidoro apresentada por Fontaine

(*Génesis y originalidad*) que assim expunha em três categorias elementares de produção literária do bispo hispalense. Primeiramente, as influências da cultura clássica, cujas obras estavam particularmente voltadas a uma perspectiva retórica, filosófica e uma preocupação incólume relativa aos usos da linguagem e da gramática. Num segundo momento, as obras de interesse pedagógico, tais como os *Versus in bibliotheca*, cuja autenticidade atribuída a Isidoro ao mesmo tempo em que revela em uma exposição dialógica o seu interesse profundo entre temas sagrados e profanos. Por fim, as obras de procedência religiosa, professando uma moral litúrgica e extremamente eclesial. No primeiro grupo, observamos incursões a diversos autores gregos e romanos da época clássica, dentre outros como Platão, Ênio, Cícero e Sêneca. A preocupação manifesta pelo bispo hispalense era de uma escrita pautada nas discussões de ordem e simétrica textual, convergindo assim a uma exposição gramatical refinada e de teor altamente concupiscente em sua tessitura. Todavia, esses elementos traduzem obsessão pela cultura clássica revela em Isidoro e seu pragmatismo pelo senso literário, asseverado ainda pela sua preferência pela *litteratio*, por ele chamado de “estudos elementares”. (Isid., *Etym.*, 1, 3, 1) Para ele, as letras tinham grande poder, eram como imagens das palavras, que sem a necessidade de voz (*sine voce*) nos transmitem os ditos dos ausentes. Essa categorização da *litteratio* fora tomada de empréstimo em Marco Terêncio Varrão, cuja influência é inegável em toda escrita do bispo de Sevilha.⁸

O segundo grupo compreende, sobretudo, seus *Versus in Bibliotheca*, cuja composição está distribuída em quinze dísticos dispostos em forma de poemas similares aos de Prudêncio, e que serviam de decoração aos armários das livrarias de Sevilha.⁹ Tais versos

⁷ Braul. Caes., “Ren. Isid.”: “[...] Vir enim in omni loquutionis genere formatus, ut inperito docto que secundum qualitatem sermonis existeret aptus, congrua uero opportunitate loci incomparabili eloquentia clarus [...]”.

⁸ Um estudo fundamental acerca das influências do pensamento de Varrão em Isidoro de Sevilha é o de Fontaine (“Isidorus Varro Christianus?”).

⁹ Para uma referência completa sobre essas questões, *vid.* Díaz y Díaz (“La transmisión”).

são a prova da existência de uma biblioteca equipada em Sevilha e que, ademais, seria ainda o resultado de um profundo conhecimento de obras de categorias diversas em posse do bispo hispalense, dentre as quais se podem encontrar obras diversas, desde as Sagradas Escrituras até composições de Orígenes, Agostinho, Hilário de Poitiers, dentre outros. A composição dos *Versus in Bibliotheca* revela ainda a tradição do pensamento helenístico, pelo qual o sacro vem antes do profano, e cuja convergência leva à abertura de uma cultura poética e uma atitude “antologista”, que pode ser verificada já no seu primeiro dístico em que se lê “Eis muitas obras sacras e eis muitas obras profanas: se alguma composição poética te agrada, toma e lê. Vê estes prados cheios de espinhos aonde abundam as flores: evita pegar nos espinhos e colhe as rosas” (Fontaine, *Isidoro de Sevilla*). Certamente colocando-se como o ponto de partida e fundamento basilar para a avaliação de sua formação cultural. Ainda dentro do segundo grupo da produção isidoriana, destaca-se seus escritos políticos,¹⁰ com sua *Historia Gothorum, Sueborum et vandolorum*,¹¹ único registro, a que se tem até o presente momento, conhecido acerca da história dos godos entre os anos de 589-625 com uma narrativa fundamental desde o reinado de Recaredo (589) até Suinthila (625). Assim, no último grupo destaca-se sua produção religiosa.¹²

¹⁰ Os escritos políticos de Isidoro de Sevilha têm sido alvo de diversos estudos importantes ao longo da historiografia contemporânea. O amplo leque de possibilidades em que se encontram as reflexões e interferências do pensamento isidoriano pode ser observada mesmo a partir das modernas edições de seus escritos. Com efeito, algumas importantes teses publicadas sobre esse tema nos servem de ótimos referenciais. Veja-se, a guisa de exemplos, Reydellet (*La royauté*); Teillet (*Des Goths à la Nation Gothique*), e finalmente Cazier (*Isidore de Séville*).

¹¹ Ed. por Rodríguez Alonso (*Las historias de los godos, vándalos y suevos*).

¹² Dispomos aqui somente uma breve discussão acerca de alguns ditames litúrgicos e eclesiológicos do bispo de Sevilha, pois, uma análise mais concentrada necessitaria, por certo, maior espaço e tempo para exposição, sendo tema evidentemente para um trabalho a parte.

A obra “sacra” de Isidoro de Sevilha pode ser considerada como uma forma de reclame para a reforma litúrgica eclesial hispana. Reforma essa já conclamada anteriormente por seu irmão, o bispo Leandro. Um dos seus tratados mais relevantes nesse sentido é *De ecclesiasticis officiis* (ed. de Viñayo González), colocando em evidência um árduo e coerente esforço pela discussão pautada nas suas fontes. Pelo título dessa obra verifica-se aqui o peso do pensamento ciceroniano (*De officiis*) e mesmo de Ambrósio de Milão com seu *De officiis ministrorum*, destinado à hierarquia eclesiástica e litúrgica. A linguagem retórica e o exercício sinonímico demonstram sua preocupação com a formação espiritual. Tais expressões vêm pontualmente clarificadas pela prosa sinonímica com ritmos e frequência rimada. (Díaz y Díaz, “La transmisión”) Nessa mesma linha segue os seus três livros de Sentenças (*Sententiae*),¹³ uma obra de ensinamentos morais que exprimem as ressonâncias do pensamento de Santo Agostinho (de maneira tríplice, com questões dogmáticas, espirituais e morais) e de Gregório Magno (orientada em termos éticos em particular relação com os *Moralia in Job*), em que o bispo hispalense particularmente revela um pensamento crítico acerca da doutrina ética e religiosa, abrangendo no seu ínterim três distintos grupos da sociedade hispano-visigoda de seu tempo, nomeadamente, os pobres, a nobreza e os reis.

A “ERA ISIDORIANA” PÓS-ISIDORO

A morte de Isidoro de Sevilha (c. 636), que por muito tempo representou o ponto referencial do pensamento e da cultura visigoda, de modo algum significou o fim das atividades literárias na Hispania, pelo contrário, a chamada “era isidoriana” ficou demarcada dentro do período visigodo-católico pelo impres-

¹³ A versão utilizada foi elaborada por Campos Ruiz e Roca Meliá (*Sentencias*).

sionante elenco de escritores —eclesiásticos, sobretudo— cujas obras ainda hoje seguem como objeto de estudos e críticas por diversos especialistas, como patrólogos e historiadores da literatura da Antiguidade Tardia. Com efeito, não é nossa pretensão no presente artigo fazer um arrazoado das produções bibliográficas, daquilo que Orlandis (*La vida*, 67) chamou de “obras maiores” dos escritores hispano-visigodos, especialmente do século VII. Evidentemente, não seria difícil listar aqui alguns pretensos continuadores do trabalho intelectual de santo Isidoro. Entretanto, qualquer esforço em que se pretenda apresentar um panorama, mesmo que breve, da tradição literária na Hispania visigoda pós-isidoriana, não se poderá furtar de alguns nomes como os de Frutuoso de Braga, Bráulio de Zaragoza, Ildefonso de Toledo, ou mesmo, Eugênio (I e II) de Toledo.¹⁴ Todavia, para esboçar rapidamente esse quadro acerca do panorama literário da Hispania na época pós-isidoriana, para além dos conhecidos nomes citados, optamos por discutir um dos autores considerados “menores” pela historiografia espanhola contemporânea: Taio, bispo de Zaragoza (651-683).

Após a morte de Isidoro, a cidade de Sevilha (*Hispalis*), deixa de ser a referência intelectual da Hispania visigoda. Tal “posição” passou desse modo a ser ocupada por Zaragoza. De fato, no que tange às questões da produção literária, a cidade do norte peninsular *Caesaraugusta* (Zaragoza) já se destacava nesse sentido com um belo elenco de autores (continuada nos anos seguintes) que viveram mesmo a época de Isidoro. Talvez um bom exemplo disso possa ser a referência do próprio Isidoro de Sevilha em sua resenha sobre a vida dos homens ilustres (*De Uir* ill., 33), quando faz alusão à Máximo de Zaragoza e sua historieta em estilo breve (*breui stilo historiolum*), infelizmente não nos deixando maiores detalhes sobre autor e obra.¹⁵

Os mesmos passos foram seguidos por João, sucessor de Máximo no episcopado de Zaragoza. De acordo com as informações de Ildefonso de Toledo em sua obra homônima a de Isidoro (*De Uir*. ill., 5), João foi bispo de Zaragoza por doze anos, e “compôs nos ofícios da Igreja algumas peças harmônica e estilisticamente muito aceitáveis. Em meio a tudo isso, recorreu por escrito a um método para averiguar a data de solenidade Pascual, tão sutil e útil que sua brevidade extrema e sua exatidão evidente são de agrado do leitor”. Todavia, o filho mais ilustre de Zaragoza do período isidoriano e mesmo alguns anos depois da morte de Isidoro, foi o bispo Bráulio,¹⁶ irmão e sucessor de João no episcopado *caesaraugustano*. A intensa atividade literária de Bráulio denota *de facto*, o posicionamento assumido por Zaragoza no lugar da cidade de Sevilha dos irmãos Leandro e Isidoro.

É importante destacar a participação de Bráulio de Zaragoza dentro do campo literário hispano-godo do século VII em suas produções fundamentalmente importantes para a história literária visigótica. Por um lado, sua relação com Isidoro de Sevilha, de quem catalogou, dividindo em títulos e capítulos suas Etimologias; por outro lado, sua revisão da *Lex Visigothorum*. De santo Isidoro agrupou ainda suas obras num catálogo intitulado *Renotatio Isidori*, uma relação das obras do bispo hispalense. Bráulio morre em 651, e seu lugar é ocupado por um de seus discípulos mais brilhantes, Taio.

urbis episcopus, multa uero prosaque componere dicitur. Scripsit et breui stilo historiolum de his quae temporibus Gothorum in Hispaniis acta sunt, histórico et compósito sermone. Sed et multa alia scribere dicitur, quae necdum ligi”. (Codoñer Merino, ed., 153)

¹⁶ A produção de Bráulio foi intensa, a contar desde sua *Vita Aemiliani*, hagiografia composta por volta de 640. Contudo, em toda sua produção merece maior destaque seu conjunto epistolário, do qual ainda hoje se conservam 44 cartas trocadas com diversas figuras importantes. Suas cartas denotam diversos aspectos da vida cultural e política da Hispania em meados do século VII, de modo particular com santo Isidoro, com o papa Honório I, e com os reis Chindasvintho e Recesvintho.

¹⁴ Uma excelente síntese desse elenco de autores da literatura em época visigótica encontra-se em Codoñer (*La Hispania visigótica y mozárabe*).

¹⁵ Isid. *Hisp.*, *De Uir.*, ill., 33: “Maximus Caesaraugustanae

Nada sabemos acerca da educação recebida por Taio, ou mesmo sobre sua formação eclesiástica. Embora alguns autores tenham especulado que tenha se formado em Zaragoza, junto aos ensinamentos do próprio Bráulio, os dados são bastante escassos e não nos permitem mesmo a formulação de uma hipótese mais consistente acerca dessas questões. Por outro lado, é sabido que Taio ocupou a sé episcopal de Zaragoza, sucedendo seu amigo e colega Bráulio, falecido em 651, tendo ainda assistido a dois concílios nacionais em Toledo, o VIII em 653 e o IX em 655, respectivamente. De acordo com o catálogo de Díaz y Díaz (*Index scriptorum*, 60-61), entre seus escritos conservam-se algumas epístolas trocadas com Bráulio de Zaragoza, Eugênio de Toledo e Quirico de Barcelona;¹⁷ seu *Epigramma operis subsequenti*, e seus *Sententiarum libri V*, uma obra de considerável extensão.

Talvez um dos primeiros registros históricos acerca de Taio de Zaragoza seja justamente uma epístola trocada entre ele e seu mestre Bráulio, por volta de 632. São Bráulio escreveu uma carta ao seu jovem discípulo em virtude de um problema surgido entre ambos pelo qual, segundo defendeu Orlandis (*Historia*, 403), pode ter haver com o modo presunçoso pelo qual o jovem clérigo se dirigiu ao seu mestre acerca de problemas suscitados por um escrito seu que não agradou ao mestre. (Riesco Terrero, *Epistolario*, epístola XI, 83) A julgar pelo próprio conteúdo da carta, São Bráulio repreende seu discípulo pelo fato de seu ensaio era um plágio do papa Gregório (certamente se referindo aos *Moralia* de Gregório Magno), conforme notamos na passagem da epístola de Bráulio “[...] nam paradigma tuum illud in armatura compositum quam mihi erat peruium et pede, ut aiunt, conterere, excepto illud pace Gregorii quod

peculatum immo corruptum uidi [...]”. Embora alguns autores tenham já defendido que o texto ao qual se referia a represália de Bráulio seja uma pequena obra perdida de Taio, lançamos aqui a possibilidade de que este ensaio seja provavelmente rascunhos das *Sententiarum libri quinque* que Taio encaminhou a Bráulio para leituras preliminares.

A grande obra de Taio nos faz vislumbrar *de facto* uma clara referência à continuidade do pensamento e das produções literárias da Hispania visigoda da segunda metade do século VII. Sua obra pode ser inserida dentro de uma ampla gama de aspectos lingüísticos e rigor metodológico digno de ser apontada como não apenas a sucessora das produções isidorianas e braulianas, mas também como uma pretensa precursora do gênero das “sumas”¹⁸ pujante por toda a Idade Média central. Desse modo, analisadas as condições históricas e contextuais, podemos afirmar que a obra de Taio de Zaragoza, especialmente suas *Sententiae Libri Quinque*, representa um claro exemplo de *continuatio litterarum* na segunda metade do século VII.

A CONTINUATIO LITTERARUM: O EXEMPLO DOS SENTENTIARUM LIBRI V DE TAI0, BISPO DE ZARAGOZA

Com um amplo conteúdo teológico, mas de grande valor histórico, compilado tematicamente a partir de extratos das obras de Gregório Magno,¹⁹ o *Sententiarum Libri V* foi a grande obra de Taio. Tendo sido composta em cinco livros que transpiram o pensamento político / teológico cristão da época.

Antes de suceder a São Bráulio na Sé episcopal de Zaragoza, Taio havia sido enviado a Roma pelo rei Chindaswintho (642-653) para realizar cópias das

¹⁷ Quirico havia sido bispo de Barcelona entre 640-666 e posteriormente, bispo de Toledo entre 667-680 em que sucede a santo Ildefonso (657-667). Os calendários da época mozárabe datam sua morte em 16 de janeiro de 680 quando foi sucedido pelo bispo Juliano (680-690).

¹⁸ Essa relação entre a obra de Taio como precursora das *sumae* medievais fora anteriormente apontada por Ayala Martínez (“Escritores eclesiásticos”, 23-44).

¹⁹ Sobre essa questão ver a interessante discussão de Collins (*La España visigoda*, 171-172).

obras do papa Gregório Magno, que então não se poderia conseguir na Hispania. Um interessante relato de sua viagem a Roma aparece tardiamente na Crônica Mozárabe de 754, cujo relato é conhecido como a *Visio Taionis*.²⁰ Muito se tem suscitado sobre as reais intenções da viagem de Taio a Roma. Com efeito, independentemente do real motivo para tal peregrinação, o fato é que a história reconhece em Taio um amante das letras, personagem extremamente dedicado aos estudos em busca dos códices preciosos do papa Gregório.

Por hora seria demasiado complexo fazer um mapeamento das fontes de Taio para a escrita de seus *Sententiarum Libri V*. Contudo, sobre um ponto concordam os especialistas: sua fonte maior, sob todos os ângulos foram os *Moralia in Job* de Gregório Magno. Profundamente influenciado pela doutrina do papa Gregório, Taio parafraseia em muitos pontos *ad pedem litterae*, plenamente consciente de que os *Moralia* gregorianos expressavam o sumo da própria tradição patrística em seu tempo. Contudo, de modo objetivo, podemos citar entre suas principais fontes, além do Antigo e do Novo Testamento, podemos relacionar Santo Agostinho, Gregório Magno, Patério de Brescia,²¹ Leandro e Isidoro de Sevilha e Bráulio de Zaragoza.

Embora tal influência do pensamento gregoriano seja evidente em sua obra, não podemos nos furtar ainda de assinalar o peso do pensamento de Lean-

dro e Isidoro de Sevilha dentro da própria tradição patrística hispana da época visigoda. O primeiro surge como a base de desenvolvimento do pensamento doutrinal e eclesiológico hispano-godo do século vi. São Leandro soube como poucos associar a relevância do pensamento patrístico com questões de ordem moral e espiritual de seu tempo. Assim, pode-se rapidamente perceber que os escritos de Taio, conforme já o ressaltamos, tivessem em boa parte dívida com o papa Gregório, importa igualmente colocar em relevo as considerações deste acerca da própria obra eclesiástica e moral de São Leandro. Não podemos nos esquecer que na época em que viveu o irmão mais velho de Santo Isidoro, a conjuntura política, social e religiosa da Hispania apresentava um quadro de profundas mudanças, cujos embates religiosos entre católicos de origem hispano-romana e godos arianos serviriam de motivo e o próprio fim dessas mudanças.

Por outro lado, santo Isidoro, conforme já pudemos observar, exerceu um papel determinante dentro da tradição literária hispano-visigoda, o que evidentemente irradiou-se até a época de Taio. Todavia, vale assinalar aqui tal influência desses pensadores irmãos e clérigos sevilhanos dentro da própria produção de Taio. Em relação a Isidoro de Sevilha, portanto, denota-se a partir do extremo cuidado literário e do rigor metodológico adotado por Taio ao longo de sua obra. Seus *Sententiarum libri* apresentam uma preocupação muito forte com relação à formação doutrinal, cujas exigências teóricas harmonizam a *ratio* e o *mores* dentro dos aspectos da eclesiologia pastoral.²² Com efeito, é possível verificar tal preocupação ainda dentro dos lastros do pensamento eclesiástico hispano-godo do princípio do século vi. Sua obra apresenta-se como uma espécie de *continuatio* da produção literária hispana no crepúsculo do reino de Toledo.

O *Liber primus* das *Sentenças* de Taio está composto por XL capítulos, que versam sobre o poder in-

²⁰ *Chron. Moz.* a.754, 23. Segundo essa mesma passagem, Taio que antes era depreciado como pobre homem, após àqueles eventos alcançou sua máxima glória, conforme segue: “[...] unde et ab eo die a cunctis in eadem apostolorum sede uenerabilis Taio gloriosus qui ante despiciabatur ut ignabus”.

²¹ As controvérsias de Taio de Zaragoza com Patério são apresentadas por Palacios Martín (“Tajón de Zaragoza”). Outros estudiosos igualmente colocaram em manifesto essas questões, como Angel C. Vega (“Tajón de Zaragoza. Una obra inédita”, 225-305; 249-251). A obra de Patério ainda permanece sem edição crítica, mas podendo ser consultada Paterius, *De expositione Veteris ac Novi Testamenti* (Migne, *Patrologia latina*, t. LXXIX, 4, 677-1136); Paterius, *De expositione utriusque Testamenti* (Migne, *Patrologia Latina*, t. LXXIX, 5, 683-1138).

²² Sobre esses aspectos muito bem salientou Conde Guerri (“Tajón de Zaragoza y su tradición doctrinal”).

cólume de Deus e da vontade divina, bem como os elementos da divindade como o Espírito Santo e a Santíssima Trindade. No primeiro livro, do mesmo modo, verificamos claramente a influência do pensamento gregoriano, que aliado ao rigor metodológico da composição seqüencial dos sintagmas, que evidencia-se por uma relação direta com as *Sentenças* isidorianas. Os capítulos da primeira parte relacionam-se entre si através de uma seqüência arquetípica, levando à constituição dos elementos da deidade e da própria criação do mundo, do céu e da terra (caput XVI De initio mundi uel creatione caeli et terrae). No livro segundo dedica-se aos temas da morte e encarnação de Cristo, e particularmente sobre a vocação apostólica. (Taio, *Sent.*, II, 1-2)

O conteúdo do *Liber secundus* (constituído em XLIX capítulos) pode ser compreendido como uma profunda reflexão moral e dogmática, cujos temas a partir de seu caput XXVI denotam a espiritualidade e preocupação do bispo com relação aos problemas de seu tempo, não somente com questões teóricas da própria formação clerical, mas igualmente com problemas práticos como questões sobre a vida. Sobre esse último aspecto, Taio evidencia ainda em suas *Sententiae* a extrema necessidade da sincronia entre as palavras e a ação. De acordo com o próprio bispo de Zaragoza “[...] ut pastoris bonum quod vivendo ostenditur, etiam loquendo propagetur [...]” (Taio, *Sent.*, II, 32). A assertiva de Taio expõe àquilo que nominou de “pastores das almas” (II, 32, *De pastoribus animarum*). O *Liber tertius* dedica-se a refletir sobre a vontade divina, as cinco idades do mundo. Conjuntamente Taio agrega elementos diversos que subsidiam sua interpretação sobre as ações dos homens. Faz-se interessante notar que o caput XXI do Livro Três (“De vita activa et contemplativa”) ratifica essa perspectiva, afirmando, de facto, que a vida contemplativa tem maior mérito que a vida ativa,²³

²³ Taio, *Sent.*, III, 21: “[...] contemplativa autem major est merito quam activa [...]”.

discutindo em seguida, no capítulo XXIII que leva por rubrica “De distributione spiritus septiformes”, as sete virtudes do espírito, sendo elas: o temor a Deus, a piedade, o conhecimento, a força, o conselho, o intelecto e a sabedoria.²⁴ Discorrendo em seguida sobre uma série de elementos compostos e regramentos espirituais e corpóreos, alertando ainda (caput LI) para os cuidados com “de corruptione vitae praesentis”. O *Liber tertius* das suas *Sententiae* está distribuído em LIV capítulos.

Taio, a exemplo do que discorreu no livro anterior, faz um apanhado sobre as más virtudes. Esses mesmos paralelismos apresentados ao longo de seus escritos verificam-se como um meio sequencial para a estruturação do *Liber quartus*. Assim segue desde o caput XIV elencando as principais questões que considera negativas ao bem e a vida contemplativa. Um elemento de destaque nessa parte de seus escritos reside justamente na maneira de composição dos capítulos efetuada pelo bispo de Zaragoza. Desse modo, é possível ao leitor mais atento, uma vinculação de suas *Sententiae* com a obra homônima de Isidoro de Sevilha. Essa hipótese já fora antes levantada por Palacios Martín (“Tajón de Zaragoza”, 117-118), que estabeleceu ainda pelo menos seis via explicativas às similitudes entre ambas as obras.

O *Liber quintus das sententiae* de Taio de Zaragoza a exposição da moral cristã foi exarada a partir do caput X “De bonis principibus”, cuja *explicatio* inicial retoma os preceitos das *Moralia in Job* de Gregório Magno (*Moral.*, lib. XXVI, c. 26, n44 et 45), na qual se atribui a Deus o mérito da administração dos regimes e desígnios terrenos.²⁵ Seguindo a tradição literária de sua época, Taio no último livro das *Sentenças* denota

²⁴ Taio, *Sent.*, III, 23: “in mente fidelium primus ascensionis gradus est timor Domini; secundus, pietas; tertius, scientia; quartus, fortitude; quintus, consilium; sextus, intellectus; septimus, sapientia”.

²⁵ Taio, *Sent.*, V, 10: “magna est potentia principalis, quia habet apud Deum meritum suum de bona administratione regiminis”.

ainda àquilo Martin (*La géographie*, 322) chamou de “uma preparação coletiva ao fim dos tempos”. Difundida por toda a bacia mediterrânica no século VII, as doutrinas apocalípticas judaico-cristãs anunciavam a iminência do fim dos tempos. Não indiferente com a tradição de escrita de seus predecessores, o bispo de Zaragoza dedica quase todo o seu *Liber quintus* à discussão de questões desse gênero.

No primeiro terço do século VII as fontes hispânicas de época visigoda não apresentam mais que alguns sinais desse gênero literário. Com efeito, na medida em que se avança o curso da história, percebemos demonstrações cada vez mais efetivas, como àquelas dispostas no Epílogo da Crônica de João de Bicláro. (Bicláro, *Chronicon*, Epilogo, ed. de J. Campos, 79-100) Posteriormente, Isidoro de Sevilha baseado igualmente nas obras de Gregório Magno, particularmente os *Diálogos*, dedica-se a temas milenaristas e apocalípticos em sua contagem sobre as idades do mundo. (*vid.* Hillgarth, “Escathological”) Essa sensibilidade apocalíptica exarada dos textos visigóticos do século VII traduz expectativas de um mundo impregnado do pessimismo e das mazelas de um tempo incerto. O *Liber quintus* foi composto em xxxiii caput, e fecha uma sóbria e clara reflexão a teologia católica hispana da segunda metade do século VII.

De uma forma geral, podemos destacar que o *Livro das sentenças* de Taio de Zaragoza resume claramente a cristologia hispana da Antiguidade Tardia. A maioria dos temas que figuram nos manuscritos do bispo *caesaraugustano* compreende um grupo temático de temas antigos e novos não somente da eclesiologia, mas também da própria liturgia e eucologia hispânica largamente utilizada durante a Idade Média. O estilo literário em que se inserem os escritos de Taio pode ser considerado ao mesmo tempo, tanto como continuador de uma tradição escrita visigótica, como inaugurador de um novo estilo na literatura espanhola medieval: as *sumae*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar um tema como a continuação da tradição literária na Hispania do século VII, evidentemente muitos detalhes nos escapa. Contudo, o presente artigo procurou modestamente revelar alguns pontos, em geral, deixados de lado pelos estudos históricos, eclesiológicos e literários da Espanha daquela época. A história e a filologia espanhola reconhecem o grande mérito dos estudos sobre essas questões a Manuel Cecílio Díaz y Díaz e seus discípulos.

Como finalização, mesmo que parcial, para nossa breve reflexão, podemos destacar que Taio de Zaragoza se revelou um homem de grande erudição, sendo capaz de agregar o pensamento clássico com elementos sagrados. Seu estilo literário menos retórico e entonado que o de santo Isidoro, pode ser traduzido como puro, elegante e extremamente sóbrio. Crente que a essência da ciência eclesiástica encontrava-se condensada na obra do papa Gregório Magno, por quem se revelou grande admirador, seus escritos podem ser interpretados como uma nova explanação das disposições monásticas e doutrinárias verificadas em seus antecedentes.

O quadro oferecido pelo prelado de Zaragoza nos *Cinco livros das sentenças* revela-se bastante sugestivo á outras formas de análises, como discussões acerca das próprias questões históricas, políticas e religiosas em que se encontrava a Espanha na época em que foram compostos. Por outro lado, carecemos ainda de uma acurada análise filológica dos textos de Taio. Evidentemente, o conteúdo geral da obra constitui-se num conjunto bem arquitetado de elementos retóricos e textuais cujos aspectos pormenorizados tornam imprescindível sua leitura cruzada com as próprias condições em que foram elaboradas.

Diante do exposto acima, Taio de Zaragoza deve ser entendido como o continuador de toda uma tradição literária na Hispania visigoda da Antiguidade Tardia. Tradição esta iniciada por certo pelas ações da Igreja no século VI, preocupada com a instrução de seus con-

gêneres e prosélitos, cujo resultado prático foi a contribuição direta ao florescimento literário do período seguinte. Como pudemos notar diversos nomes surgem incontestavelmente como continuadores em potencial daquilo que mais tarde seria o alimento de uma filosofia e uma literatura eclesiástica em estilo renovado.

Finalmente, talvez dentre os elementos citados na nessa discussão, aquele que melhor poderá ilustrar nosso sentimento com relação aos estudos sobre a *continuatio* literária na Hispania visigoda e em particular sobre a obra de Taio de Zaragoza está sintetizado na epígrafe do presente texto. De acordo com as próprias palavras do eminente prelado de Zaragoza “os doutores tem de ser fortes e perseverantes, como a madeira incorruptível, para que, sempre adiram à instrução das Sagradas Escrituras”.

REFERÊNCIAS

Fontes

- BRAULLIONIS CAESARAUGUSTANUS, “Renotatio Isidori a Braulione Caesaraugustano Edita”, ed. de C. Lynch e P. Galindo, en *San Braulio obispo de Zaragoza (631-651). Su vida y escritos*, Madrid, 1950.
- , “Epistolae”, en Luís Riesco Terrero, *Epistolario de san Braulio*, Introducción, edición crítica y traducción, Sevilla: Universidad Hispalense, 1975 [Anales de La Universidad Hispalense, Serie Filosofía y Letras 31].
- Crónica Mozárabe, ed. Eduardo López Pereira, *Crónica mozárabe de 754. Edición crítica y traducción*, Zaragoza: s/e., 1980.
- ILDEPHONSUS TOLETANUS EPISCOPUS, *De Uiris Illustribus*, ed. de Carmen Codoñer Merino, *El “De Uiris Illustribus” de Ildefonso de Toledo*, Salamanca: Ediciones USAL, 1972.
- ISIDORUS HISPALENSIS, *De Uiris Illustribus*, ed. de Carmen Codoñer Merino, *El “De Uiris Illustribus” de Isidoro de Sevilla*, Salamanca: Ediciones USAL, 1964.
- , *Etymologías*, ed. de José Oroz Reta e Manuel Marcos Casquero, versão bilíngue latim-castelhana em edição completa, Madrid: BAC, 2004.
- , *Las historias de los godos, vándalos y suevos de Isidoro de Sevilla. Estudio, edición crítica y traducción*, ed. de Cristóbal Rodríguez Alonso, León, 1975.
- , *Sentencias*, ed. de Julio Campos Ruiz e Ismael Roca Meliá, *San Leandro, san Isidoro, san Fructuoso. Reglas monásticas de la España visigoda: los tres libros de las “Sentencias”*. Madrid: BAC, 1971.
- , *De ecclesiasticis officiis*, ed. e trad. de Antonio Viñayo González, *De los oficios eclesiásticos*, León: Editorial Isidoriana, 2007.
- JOÃO DE BÍCLARO, *Chronicon*, ed. de Julio Campos, *Juan de Biclario, obispo de Gerona. Su vida y su obra*, Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960, pp. 79-100.
- LICINIANUS CARTHAGINENSIS, *Epistolae*, ed. de Julio Madoz, *Liciniano de Cartagena y sus cartas*, Madrid, 1948.
- MARTINI EPISCOPI BRACARENSIS, *De correctione rusticorum*, ed. de Ursicino Dominguez del Val, *Martín de Braga. Obras completas*, Madrid: Fundación Universitaria Española, 1990.
- PATERIUS, *De expositione Veteris ac Novi Testamenti*, ed. de Jacques-Paul Migne, *Patrologia latina. Cursus completus*, t. XXIX, 4, París, 1849.
- , *De expositione utriusque Testamenti*, ed. de Jacques-Paul Migne, *Patrologia latina. Cursus completus*, t. LXXIX, 5, París, 1849.
- TAIONIS CAESARAUGUSTANI EPISCOPI, *Epistolae ad Eugenium Toletanum*, ed. de Jacques-Paul Migne, *Patrologia latina. Cursus completus*, t. LXXX, París: 1863.
- , *Epistolae ad Quiricum Barcinonensem Antistitem*, ed. de Jacques-Paul Migne, *Patrologia latina. Cursus completus*, t. LXXX, París: 1863.
- Vitas sanctorum patrum emeretensium*, ed. de Andre Maya Sánchez, Brepols, 1992 [Corpus Christianorum. Series latina CXVI].
- VIVES, JOSÉ, *Concilios visigóticos e hispano-romanos*,

Barcelona-Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas-Instituto Enrique Flórez, 1963.

Referències

- AYALA MARTÍNEZ, JORGE MANUEL, “Escritores eclesiásticos del siglo VII: Braulio y Tajón de Zaragoza”, en *Revista Española de Filosofía Medieval*, 1997.
- CAZIER, PIERRE, *Isidore de Séville et la naissance de l’Espagne Catholique*, París: Beauchesne Editeur, 1994.
- COLLINS, ROGER, *La España visigoda 409-711*, Madrid: Crítica, 2005.
- CONDE GUERRI, ELENA, “Tajón de Zaragoza y su tradición doctrinal sobre los *Pastores Animarum*”, en *Revista Aragón en La Edad Media*, 1999, pp. 14-15.
- CODOÑER, CARMEN, *La Hispania visigótica y mozárabe: dos épocas en su literatura*, Salamanca-Extremadura: Universidad de Salamanca-Universidad de Extremadura, 2010.
- DÍAZ Y DÍAZ, MANUEL CECILIO, *De Isidoro al siglo XI. Ocho estudios sobre la vida literaria peninsular*, Barcelona: Albir, 1976.
- , *Anedocta wisigotica: estudios y ediciones de textos literarios menores de época visigoda*, Salamanca: Ediciones USAL, 1958.
- , “La transmisión de los textos antiguos en la península ibérica en los siglos VII-XI”, en *La cultura antica nell’Occidente latino dal VII all’XI secolo*, Spoleto, XXII Settimane di Studi del Centro Italiano di Stuevidi Sull’Alto Medioevo, 1975.
- , *Index Scriptorum Latinorum Medii Aevi Hispanorum*, vol. I, Salamanca: Ediciones USAL, 1958.
- DÍAZ MARTÍNEZ, PABLO DE LA CRUZ, *Formas económicas y sociales en el monacato visigodo*, Salamanca: Ediciones USAL, 1987.
- FONTAINE, JACQUES, *Génesis y originalidad de la cultura hispánica en tiempos de los visigodos*, Madrid: Encuentro, 2002.
- , *Isidore de Séville et la culture classique dans l’Espagne wisigothique*, París: Études Augustiniennes, 1959.
- , “Isidorus Varro Christianus?”, en *Bivium. Homenaje a M. C. Díaz y Díaz*, Madrid, 1983.
- HILLGARTH, JOCELYN NIGEL, “Popular religion in visigothic Spain”, en Edward James, *Visigothic Spain: new approaches*, Oxford, 1980.
- , “Escathological and political concepts in the 7th century”, en Jocelyn Nigel Hillgarth y Jacques Fontaine, *The 7th century: change and continuity*, Londres: 1992.
- MARTIN, CÉLINE, *La géographie du pouvoir dans l’Espagne visigothique*, París: Septentrion, 2003.
- McKENNA, STEPHEN, *Paganism and Pagan Survivals in Spain up to the Fall of the Visigothic Kingdom*, Washington, 1938.
- ORLANDIS, JOSÉ, *La vida en España en tiempo de los godos*, Madrid: Rialp, 2006.
- , *Historia del reino visigodo español*, Madrid: Rialp, 2003.
- PALACIOS MARTÍN, ÁNGELA. “Tajón de Zaragoza y la Explicatio in Cantica Cantorum”, en *Anuario de Estudios Filológicos*, 3, Zaragoza, 1980.
- REYDELLET, MARC, *La royauté dans la littérature latine. De Sidoine Apollinaire à Isidore de Séville*, Roma: École Française de Rome, 1981.
- TEILLET, SUZANNE, *Des Goths à la Nation Gothique: Les origines de l’idée de nation en Occident du V^e au VII^e siècle*, París: Les Belles Lettres, 2011.
- VEGA, ÁNGEL C., “Tajón de Zaragoza. Una obra inédita”, en *España Sagrada*, 61, 1957.